

A CRÔNICA de Rubem Braga

15/12/59

UMA PROPOSTA

ESTÁ o Marechal Lott candidato do P.S.D., sagrado com todo o rito. Esperemos que em janeiro os dois candidatos comecem a fazer sua campanha — para a qual, aliás, tenho uma sugestão mínima, porém sincera.

Andou o Sr. Amaral Peixoto pregando um código de ética: os dois candidatos e seus adeptos se obrigariam a não usar de certos recursos, não empregar certo tipo de linguagem etc. Não sei se isso é viável. O que proponho é coisa muito mais modesta e portanto mais fácil: a abolição dos alto-falantes. Não, é claro, durante os comícios, em que é natural que se usem ampliadores de som — mais conhecidos, aliás, pela feia palavra “amplificadores”. Os auto-falantes que aborrecem e irritam são esses que ficam o dia inteiro a berrar nas fachadas dos escritórios eleitorais, dos diretórios partidários, e os outros que percorrem as ruas em camionetas com um sujeito qualquer lá dentro a berrar frases.

Ontem passei pelo Largo da Carioca e lá estava um alto-falante, na sede da campanha do Marechal, a repetir frases de propaganda. Quem passa não liga. Mas para quem trabalha por ali, isso é um suplício que dura o dia inteiro, dura a semana inteira e ameaça durar ainda nove meses e meio!

Não sei se os partidários do Sr. Jânio já instalaram também seu alto-falante. Sei que o próprio Marechal Lott se aborrece com o que propaga as suas virtudes, queixa-se de seu barulho quando vai ao escritório e desconfia de que os vizinhos dêste acabarão por detestar seu nome, à força de ouvi-lo gritado. Ora, a experiência mostra que esse alto-falante do Largo da Carioca logo se multiplicará por todo o Rio e todo o Brasil, variando de frases e opiniões, mas não de moléstia e barulho. Alguém acredita que essa profusão de alto-falantes ajudará alguém a ganhar as eleições? Por que não se reunirem todos os partidos e, em homenagem ao comércio, à indústria, aos transeuntes, às famílias e ao eleitor em geral decretarem o silêncio dessas máquinas de suplício, desses moínhos de neurroses?

Não se trata, meu Deus, de calar a voz do povo e dos partidos. Queremos o debate amplo e permanente. Mas a nossa democracia não seria mais simpática sem esse berreiro metálico e monótono que irrita no lugar de convencer?